

A LITERATURA PELA LITERATURA É VAZIA, COMO A CIÊNCIA DESUMANIZADA É FUNESTA (*)

Newton Gonçalves

“A noite de hoje é, para mim, muito principal e solene.

Ainda assim, o meu discurso será breve para não se repetir o fato acontecido aos sâmios, narrado no *Herôdoto*. Eles falaram tanto que perderam o fio da arenga e ninguém os entendeu.

E se me exigissem, agora, mergulhar fundo nas letras cultivadas com tanto esmero nesta Casa, meu fôlego curto não bastaria para tanto.

Tudo resumirei, de necessidade, aos panegíricos de praxe, do meu Patrono e do meu antecessor, em cuja Cadeira nº 16, me sento sem jeito, acanhado com a fama de *Franklin Távora* e com a cultura de *Joel Linhares*.

A Academia Cearense de Letras já passou por três fases, diferentes, iniciadas em 1894, 1922 e 1930, às quais se acrescentará 1975, ano inaugural da presidência do Dr. Cláudio Martins, vigiante fiel do ideal aqui depositado, na linha reta traçada por Tomás Pompeu, Leonardo Mota e Valter Pompeu.

Nunca faltou apoio oficial à Academia e é justo recordar que os presidentes Justiniano de Serpa e José Carlos de Matos Peixoto e o governador José Aduino Bezerra, apreciaram muito o valor desta Casa, no plano cultural do Estado.

O Dr. Cláudio Martins associou ao quadro de honra da Academia, alguns homens de empresa e banqueiros de pro, beneméritos que contribuíram, com ambas as mãos, para o enriquecimento do sólido patrimônio que ela hoje usufrui.

O plano de reeditar obras cearenses, esgotadas; as sessões ordinárias reanimadas por idéias de altos vãos; a progressiva integração do quadro social, tudo são índices de muita diligência e de quanto pode a boa vontade a serviço das causas nobres.

Todos temos poderes intelectuais e o direito de exercitá-los no estudo sobre as complexas proposições do mundo contemporâneo.

(*) Discurso de posse na Academia Cearense de Letras, proferido a 19.11.1979.

Só os medíocres e os ignorantes igualmente incapazes, reagem às mudanças e fazem pouco na presença de profissionais de outras áreas, no recinto das academias de letras.

A literatura pela literatura é vazia, como a ciência desumanizada é funesta.

É preciso combinar as três operações aristotélicas do espírito e fazer brotar a criatividade — a fina flor da inteligência — tantas vezes representada na beleza de uma poesia.

O homem deve continuar vendo Deus numa flor silvestre e guardar o Infinito na palma da mão, como disse William Blake em versos maviosos que o meu pobre inglês me dificulta recitar aqui.

Honra, pois, a Academia Cearense de Letras, no seu 85º ano de fundação, na presidência do Dr. Cláudio Martins.

João Franklin da Silveira Távora nasceu (1842) baturiteense, mas, se criou em Recife, na companhia de um tio. O nascimento de Franklin Távora na casa do avô materno e os antecedentes do espírito irrequieto do pai pernambucano condizem com a suspeita da ilegitimidade do menino.

Naquela cidade, centro acadêmico efervescente e pólo de atração intelectual de muito fulgor, na época, Franklin Távora se bacharelou aos vinte e um anos de idade, com ilustres colegas, na vetusta Faculdade de Direito criada por D. Pedro I.

Em Pernambuco, Franklin Távora chegou a dirigir o Ensino Público, militou no cenário político local, estreou o seu amor às letras e amadureceu o espírito defendendo a posição da *literatura do Norte*, movimento quase malgrado, que lhe custou muitos desenganos.

Sob o pseudônimo de Sempônimo, à sombra intrigante de Feliciano de Castilho, afrontou a fama literária de José de Alencar, lançando-se por um caminho torto.

Morreu, acabrunhado no Rio de Janeiro (1888) onde levou muito trabalho na Secretaria do Império e deu asas a uma séria vocação pelos estudos históricos, filiando-se ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, naqueles tempos heróicos dos oradores oficiais, que ele foi muito aplaudido.

A ruptura de um aneurisma lhe causou a morte liberadora dos infortúnios de uma vida angustiada na pobreza.

Não me proponho apresentar Franklin Távora de corpo inteiro, retrato difícil mesmo se me socorresse às facilidades do relativismo histórico, craveira pela qual deve passar a justiça dos julgamentos de valor.

Dolor Barreira incluiu Franklin Távora nas páginas da sua História da Literatura Cearense porque “os olhos de sua alma se volviam amorosos para o esbraseado solo cearense” e o “pernambucano de adoção” (Oliveira

Lima) figura como um dos Patronos desta Casa, embora somente a partir de sua segunda fase.

Em certo, Franklin Távora não participou diretamente dos movimentos literários do Ceará, esmiuçados pelo grande Dolor Barreira, o que me não surpreende, sabido que parte da nossa boa literatura foi escrita de fora, por cearenses transplantados.

O livro de Franklin Távora mais conhecido na atualidade e que ainda se vende nas livrarias, passados mais de cem anos de sua publicação, pertence a Pernambuco, segundo declarou o próprio Autor.

É "*O Cabeleira*", título que repete a alcunha do bandido José Gomes, famigerado nos sertões de lá.

Segundo a tradição, esse Robin Hood caboclo (na comparação infiel do Autor) se fez cangaceiro pela mão do próprio pai!

Meu pai me pediu
Por sua bênção
Que eu não fosse mole,
Fosse valentão.

Cantavam os trovistas matutos. O episódio da morte do sanhaçu com a titela atravessada por um espetinho de cubuatã e aquele outro do enforcamento forçado pelo pai, do pré de estimação do menino José Gomes exemplificam o horror dessa pedagogia diabólica.

De passo, vale dizer que o cangaceirismo foi um dos temas mais explorados na trilogia francliniana da *literatura do Norte*, assim como a fome na *literatura das Secas*.

Naquele tempo havia muitos bandidos percorrendo o interior nordestino, algozando, roubando, incendiando, matando, embora *Lampião* às vezes se dissesse "*bom como arroz doce*", e quando não estava zangado "*como salamanta*", entrasse nas cidades, brincado de Anéis, amando, gozando e que rendo bem", recebido na ambivalência sertaneja do medo e da admiração.

A população matuta não fazia muita diferença entre o comportamento sem lei dos cabras famenazes e o dos macacos, policiais-volantes, cujas selvagerias também eram temidas dos sertanejos. A concluir da leitura dos cancionários, o povo simpatizava com os cabras, num obscuro processo de identificação inconsciente das vítimas.

O cangaço foi meio de vida, instrumento de vingança e até uma forma bárbara de justiça, a justiça trágica das caatingas.

"Bote a questão pra meu lado
E deixe estar que o meu rifle
É um bom advogado.

Nos versos de Francisco Carvalho, Lampião falou assim:

No tribunal da espingarda
Justicei muito assassino
Até morto tem sobrosso
do meu punhal virgulino”.

As façanhas de José Barros e de Pedro Bandeira “notabilíssimos bandidos”, na expressão de Franklin Távora, estão repetidamente mencionadas na correspondência dos governadores provinciais.

Entre 1919 e 1927 cerca de vinte e cinco grupos de cangaceiros assolaram impunemente os altos sertões e em torno deles criaram-se lendas, escreveram-se folhetins e mais folhetins e livros de tomo; mas, ainda se espera, do ponto de vista sociológico, um estudo sério do banditismo rural brasileiro.

Bem documentado literariamente, faltam-lhe ainda as bases científicas essenciais e por isso ficamos expostos às teses do “*bom cangaceiro*” (de Franklin Távora) que o estro popular exaltava na convicção de que noutros condicionamentos sociais ele teria escapado ao destino sinistro:

“A polícia me forçou
a viver nesta amargura”.

Sinceramente, nunca me animei a estudar as raízes de um escritor se com ele não me afino, nem pela linguagem, nem pelos temas, nem pela chateza provinciana, que somente uma forma de extraordinária beleza poderia compensar.

Muitos leitores, na maré alta de sua ingenuidade, encontram nos enredos fantasiosos e inverossímeis, uma identificação simplória, talvez inconsciente.

Quem der uma cata ao julgamento da maioria dos críticos brasileiros sobre a obra de Franklin Távora terminará costurando uma colcha de retalhos descombinados, demonstração de predomínio dos gostos pessoais da emotividade repetida nos lugares comuns que geram conjecturas dogmáticas na expressão irônica de Grieco, a propósito de um polígrafo famoso, seu desafeto.

Sílvio Romero, acusado por Araripe Junior de trocar os julgamentos serenos pela “*crítica com desforra ou desabafo ocasional*” elogiou o “*Naturalismo tradicional campesino*” de Franklin Távora, dando-lhe destaque entre os mais distintos romancistas do Brasil, posição que Lúcia Miguel Pereira e outros críticos também renomeados não aceitam plenamente.

Ao entusiasmo de Sílvio Romero, que viu em “O Cabeleira” “*um belo livro, sem sombra de dúvida*” se junta Ronald de Carvalho no elogio do “*estilo brilhante, largo e cheio de vivacidade*” de Franklin Távora, contrastando

com Wilson Martins, que lhe condena a "*monomania de re-escrever a obra de Alencar*", *conservando-lhe a mediocridade estilística habitual*, matando assim dois coelhos nortistas, com uma mesma cajadada de meridional arrogante.

Manoel Bandeira viu em Franklin Távora "muitas qualidades apreciáveis" mas já admitia que ele "*resvalou ao esquecimento*". Araripe Júnior trata-o de *mestre perfeito do tradicionalismo aldeão* e considera o livro "*Lourenço*", um dos melhores das nossas letras. Exagero manifesto, na terra de Machado de Assis e de Lima Barreto.

João Pacheco fala do *estilo castiço, sem brilho* de Franklin Távora, de sua *falta de força criadora na narração linear, através da qual os tipos não conseguem viver*.

Franklin Távora, embora tenha arremetido contra a predominância de Alencar, naquele desabafo que Lúcia Miguel Pereira classificou de excessivo e injusto não transpôs "*a área do provincialismo*" (Afrânio Coutinho) e não conseguiu impor o seu "*Lokal patriotismus*", *que a literatura universal só aprovou em poucos eleitos*.

Mais observação, menos imaginação e um pouco de verossimilhança, talvez tivessem salvado a "revolução" literária nortista, que não aconteceu.

Vejam, pois, como é difícil julgar só pelos autos, esse processo contraditório.

Tentei e pertentei, mas por culpa de minha ignorância manifesta neste assunto, ainda não consegui penetrar os critérios de julgamento da crítica literária brasileira tradicional, que acho muito emotiva, muito entre amigos, ou entre inimigos. . .

Há os que adversam e os que defendem José de Alencar, Machado de Assis, Jorge Amado e outras estrelas; mas, só uma visão menos personalística, menos invejosa talvez, pode preencher os vazios do autodidatismo tão combatido por Eduardo Portella, mesmo quando os autodidatas, quase sempre egressos do jornalismo, brilham como Álvaro Lins ou como Agripino Grieco.

Será que ainda vivemos "numa sociedade sem estratificações profundas, de fraca densidade espiritual" (Lúcia Miguel Pereira) ou, *os nossos problemas elementares ainda não permitem que a arte não passe de um esboço, de uma exceção ou de um artifício?* (Tristão de Ataíde).

Na obra monumental de Wilson Martins se comprova: o quanto os nossos críticos terão que mondar na sublitteratura, principalmente na poesia, a matéria-prima essencial das letras brasileiras. Já é tempo de cortar muito galho seco, a fim de que a seiva circule com mais força nos velhos troncos que devem ser preservados.

Chegou a hora da revolução crítica que já tarda e de repensar o estudo das letras nas respectivas nacionais e fazer justiça a muitas obras perdidas no fundo das províncias, pela simples razão de que não foram abonadas pela crítica consagrada . . . que não as leu.

Não seria eu tão leal para aceitar os exageros da crítica literária científica, pois, apuradas as contas, o ficcionista não escreve para ser lido somente pelos técnicos da literatura.

O leitor comum procura na obra literária a beleza, uma ressonância estética, a identificação psicológica com as personagens e o meio onde atuam.

A crítica de rodapé, os críticos dos suplementos dominicais revelaram muitos livros que se celebrizaram a despeito dos erros evidentes de estrutura, do tempo mal calculado e dos espaços mal medidos.

Habituei-me, por dever de ofício, a ler obras expositivas nas quais se procura a verdade demonstrável.

Na obra de ficção, procuramos a beleza da forma, um mínimo de verossimilhança e uma pitada de psicologia.

Mas não ignoro as diferentes técnicas da leitura das obras de ficção e que se não deve aplicar as mesmas regras aos dois gêneros.

De qualquer delas exijo mais: algo que concorra para o aperfeiçoamento do meu espírito.

Um pouco de instrução, de emoção, de encantamento, como pretende um filólogo antigo.

Sei que incorri em grave falta estilística por costurar citações e vai aqui mais uma, desta vez de Sousa de Macedo: "*Não é pequeno o serviço de juntar o disperso, abreviar o longo e apontar o seletos . . .*"

Volto ao meu patrono.

A meu sentir, faltou a Franklin Távora aquela *fraicheur éternelle et irrépressible* que faz um clássico.

Os seus heróis nada me ensinaram, não me emocionaram, nem me encantaram.

A diferença de Dois de Ouros que me assusta na feira do Crato frequentada realmente pelo menino Fran Martins, o "Cabeleira" me diz nada.

A luta de Lourenço com Pedro Lima e o providencial estouro da boiada, "*Deus ex-machina*", salvador dos facinorosos em luta desigual, não me impressionaram.

Falta de sensibilidade minha? Não. Pois chorei vendo o Chico Bento, nas páginas de "O Quinze" estendendo o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho . . ." "E a mão servil, acostumada à sujeição do trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido . . . mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante".

Falta de compreensão das coisas do sertão? Não. Pois chorei "assistindo" do alpendre da casa de Dagoberto, na "Bagaceira", o êxodo dos retirantes de 1898: "uma ressurreição de cemitérios antigos . . . fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo

arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas . . . que andavam devagar, olhando para trás como quem quer voltar . . . Fugiam do sol”.

Indiferença pelas coisas regionais? Não.

Sinto frio na espinha lendo isto, do meu aparentado Rodolfo Teófilo, no romance que tem por tema a fome da seca grande de 1877, não aquela fome individual no meio da abundância, a fome descrita por Knut Humsun, mas a fome coletiva que animaliza e dizima o homem.

Cito:

“Apelava para o dia de São José, nesse dia é que se saberia a sorte do Ceará. Na noite de 18 de março poucos foram os que dormiam. Às quebras das barras já todos estavam nos terreiros, com o olhar fito no levante”.

“O céu estava limpo e ponteadado de estrelas, que esfuzilavam em todos os rumos”.

“As nuvens afastaram-se como um resposteiro, que fosse corrido, brilhou a aurora franjando de ouro o contorno dos estratos, depois apareceu o sol, um globo de fogo, semelhante a cobre fundido”.

“Os sertanejos, que olhavam o nascer do sol, baixaram a vista, alguns chorando a sua sentença de morte”.

E o livro continua desenvolvendo a tragédia imensa que a pena do Autor reaviva com toda crueza.

“Meu ilustre Patrono João Franklin da Silveira Távora:

Respeito profundamente o pioneirismo literário; de Franklin Távora admiro muito a sua coragem de proclamar e defender um lugar para a *literatura do norte*, menosprezada; lamento do fundo do coração as ingratidões e os infortúnios que a vida lhe deu; mas, não sou admirador de sua prosa.

Perdoa ilustre Patrono, ao leitor tardio e ousado que do cangaço apenas viu a cabeça “*decepada de Lampião*”, numa mesa de necrópsia, ilustrando uma preleção brilhante sobre o crime.

Na palavra de Rui “preferências de ignorantes não têm autoridade”.

A obra completa de Franklin Távora adnumerada por Silvio Romero se compõe dos seguintes trabalhos:

1) “*Trindade Maldita*” (1861); 2) “*Um mistério de Família*” (1861); 3) “*Os índios do Jaguaribe*” (1862) (considerado o primeiro romance cearense); 4) “*A Casa de Palha*” (1866); 5) “*Um casamento no arrabalde*” (1869); 6) “*Três lágrimas*” (1876); 7) “*Cartas de Semprônio a Cicinato*” (1870); 8) “*O Cabeleira*” (1876); 9) “*O Matuto*” (1878); 10) “*Lourenço*” (1881); 11) “*Lendas e Tradições Populares do Norte*” (1878); 12) “*Sacrifício*” (1879).

A “*Revista Brasileira*” e a “*Revista do Instituto Histórico*” publicaram fragmentos de uma “*História da Revolução de 1817*” e da “*História da Revolução de 1824*”, os originais ele os queimou por desgosto íntimo.

Não privei com Joel Linhares.

Nossas idades guardavam duas décadas de distância; mas ainda lhe vejo a imagem florescente.

Compartíamos, de longe, duas atrações intelectuais: a poesia e a lingüística. Esclareço, logo, para evitar malentendidos: Joel Linhares fazia versos perfeitos e foi um filólogo de raça. Eu sou apenas um leitor de poesias e de filólogo só tenho o enraizado amor à força e à beleza das palavras.

Cito Linhares Filho, sobrinho de Joel que vem desenvolvendo, com muito brilho, a herança espiritual do tio ilustre:

“Joel Linhares foi sobretudo um filólogo, externando os conhecimentos que possuía no âmbito da Filologia Românica, como professor universitário e professor de Português em diversos estabelecimentos de ensino. Além disso, foi orador de fama”.

Joel Linhares não tomou ao pé da letra o *“publish or perish”* que atormenta os meus contemporâneos acadêmicos e se resguardando sob exagerada autocrítica, pouco deixou impresso. O seu forte foi sempre a palavra falada, através da qual esbanjou a riqueza milionária de seus conhecimentos lingüísticos.

Ainda de Linhares Filho é a caracterização de Joel Linhares como um neoparnasiano acabado, e exemplificando com a variada temática dos seus versos, remata:

“A poesia de Joel Linhares é um documentário supra-real, mas, fiel das suas crenças, relações psicológicas, atitudes, do seu espírito conflituoso, contraditório” e que “o Autor, em várias fases, consegue realizar-se praticamente, exprimindo a contento a sua própria verdade humana, que mais consiste na dicotomia: regra moral ou religiosa de um lado e, de outro, o apelo da “incontentada carne”, tal como estes versos:

“Acalma-se depois e aos poucos morre langue . . .

— Só não cessa a volúpia ardente que devora.

A incontentada carne e o revoltado sangue . . .”

Hélio Melo, bom juiz no caso, reconheceu em Joel Linhares o orador renomeado e um dos nossos mais brilhantes foneticistas.

Joel Linhares também caiu no pécadilho cometido por muitos escritores brasileiros, escrevendo um poema em francês. Afinal, no Ceará também se reuniu uma *Academia Francesa* e era muito *chic* desafiar as Musas conjugando o verbo *“aimer”*.

Em *“Alberto de Oliveira e a vernaculidade de sua obra literária”*, se revelou o vernaculista magistral apontado por Leonardo Mota e que permanece na memória dos que então cursaram a Faculdade de Filosofia do Ceará.

Joel Linhares também se exercitou na música e no canto gregoriano, certamente um tributo pago pelo Padre que ele quase foi, depois de iniciado o Curso Teológico do antigo Seminário Arquidiocesano, de onde saiu em 1916.

Nascido em Lavras da Mangabeira aos 3 de agosto de 1895, Joel Linhares morreu em Fortaleza no dia 23 de julho de 1979 às vésperas dos 84 anos de vida!

A Lúcio Alcântara que admiro sinceramente na pessoa do médico, do político, e do intelectual, só tenho a dizer que as vitórias dos discípulos são as alegrias dos professores, a ilusão de uma permanência impossível.

Câmara Cascudo costuma agradecer os elogios que os amigos fazem à sua mocidade octogenária, dizendo: "não é verdade, mas é gostoso. . ."

Lúcio, o que você disse a meu respeito são os excessos da amizade que nos aproxima, através do coração boníssimo de seu querido pai, mas, tudo foi muito gostoso de ouvir. P'ra que negar?

Meus companheiros Acadêmicos:

Selma Lagerlöf conta que na antevéspera do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1909, sonhou apresentando-se diante do espírito do pai, muito aflita com a enorme dívida de gratidão que o Prêmio lhe trouxera e que ela jamais poderia saldar.

"Agora não pense em mais nada senão em regozijar-se".

É o que farei de agora em diante.

Muito obrigado!